



Director literario:

Arcebispo de Vila Rica
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Colla
PAPUSSE



O CASTELO DO ANÃO

: Por ANA PINA :

Desenhos de E. MALTA



ERA uma vez um anão muito feio e grotêsco que vivia num castelo muito alto, todo em mármore cõr de rosa. Apesar das suas inúmeras riquezas e da legião de lacaios que o serviam, o pobre anão era infeliz porque não tinha carinhos de ninguém. Certo dia, na floresta que circundava o castelo, os alegres sons

duma trompa de caça fizeram-se ouvir.

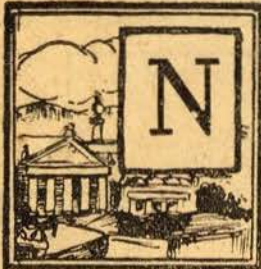
Pouco depois, três amazonas, apiaram-se à porta do castelo e foram conduzidas à presença do anão, que as recebeu num salão de maravilhosa beleza. As amazonas disseram serem filhas dum opulento fidalgo e que, andando à caça, se tinham perdido. Vinham rogar-lhe que lhes indicasse o caminho para a cidade. O anão assim lho prometeu e mandou-lhes servir uma merenda deliciosa. Mal terminaram, caíram num sono tam profundo que pareciam mortas. O anão deitara narcótico nos refrescos. Sorria-lhe a idéa de ficar com aquelas raparigas no seu castelo. Quem



(Continua na página 4)

A coragem do Toneca

Por MORENITA
Desenhos da Autora



UMA casinha rodeada por um jardim, nos arredores de Coimbra, morava uma senhora de aspecto modesto, mas toda ela respirava nobreza, embora tentasse ocultá-lo.

O filho, um rapaz de 15 anos, bem educado, moreno, simpático, era atraente.

Naquele dia, António, pois era este o nome dele, mirava-se e remirava-se. Estreara um fato com calças compridas. Era a primeira vez que se via feito homem.

—Duas horas... (murmurou ele tirando o seu pequenino relógio,) duas horas, e eu cá por fóra! A mamã deve estar inquieta, e ela que pede tanto que não me afaste muito! Vamos, são horas de ir abraçar a mamã! E desatou a correr em direcção a casa.

Entrou no jardim cujo portão estava aberto e bateu à porta, mas, por mais que batesse não obteve resposta; correu o jardim e não viu a mãe. Subiu por fim a uma janela das trazeiras da casa e entrou. Sua mãe não estava em casa. Onde iria!? Que sucederia durante a minha ausência? Que mau que sou, e dando livre curso às lágrimas, batia com o punho fechado na mesa, exclamando:

— Hei-de recompensá-la deste desgosto. Escreveu num pedaço de papel que deixou em cima da mesa e saiu de casa como tinha entrado; correu depois em volta da casa mas não havia maneira de encontrar a sua querida mamã. Foi-se afastando de casa, até que, cheio de fome e cansaço, sentou-se num pedaço de tronco de árvore, onde adormeceu.

* * *

A mãe vendo que se fazia tarde e receando

algun desastre, saíra em sua procura. Tendo-se perdido, acabara por perder os sentidos, tamanha era a sua dor. Ao voltar a si viu que anoitecia; então, com um esforço supremo levantou-se e começou a correr. Era manhã quando viu que caminhava para casa.

* * *

António acabava de acordar sobresaltado. Alguém lhe tinha pôsto a mão no ombro. Esfregou os olhos e fixando o desconhecido perguntou-lhe: — Quem sois?!...

Que te importa? respondeu o desconhecido, fixando-o por sua vez. Vamos, que fazes aqui? Quem és? Quem é tua mãe? Como te chamas, e quem é teu pai?

António cada vez mais admirado olhava aquele homem altivo, que segurava um cavalo pela rédea.

Quem sou? Sou o Toneca. Quem é a mamã? É a minha mãesinha. Quem é o meu papá? O papá está longe. O que faço aqui? Procuo a mamã. E dando um salto, começou a correr em direcção a casa. O desconhecido olhou o Toneca, montou a cavalo e seguiu-o, murmurando: Toneca, Toneca, o papá está longe, procuro a mamã... e, fixando a casa para onde António tinha entrado, dirigiu-se à cidade.

Ali foi informado de que tendo sido assaltado o seu castelo, a sr.^a Viscondessa tinha desaparecido. Guilherme, assim se chamava o desconhecido, montou, novamente e dirigiu-se à casinha para onde tinha entrado o Toneca. Ali apeou-se, prendeu o

cavalo a uma árvore e, saltando a cancela do jardimzinho, ocultou-se detrás duns arbustos à espreita para ver se via alguém.

* * *

António, chegando a casa, encontrou a porta aberta. Entrou nos bicos dos pés para ir surpreen-





der a sua querida mamã, mas, espreitando para a casa de dentro, parou. Sua mãe, ajoelhada diante da Virgem, lia uma carta, tendo ao lado alguns retratos. Antônio apurou o ouvido e ouviu-a soluçar ao mesmo tempo que falava em Toneca. Antônio, quando ouviu o seu nome, ia precipitar-se, com uma tempestade de beijos, sobre a mamã, quando esta, beijando um retrato, exclamava:— minha querida filha, has-de vir para junto da tua mamã e do teu irmão. Toneca recuou. Pois quê!?... Ele tinha uma irmã! Estava longe?! Porque lho ocultavam?! Resolvido a saber tudo, entrou e abraçou a mãe, que, surpreendida, deixara cair o retrato. Toneca pegou na carta e, abraçando mais uma vez a mãe, disse-lhe:—mamã, ouvi tudo ouvi tudo, o que disseste! Quero ler esta carta, e leu. A sua admiração era enorme. A carta dizia o seguinte:

Sr.^a Viscondessa:

Para nós nada é impossível. Nós sabemos que V. Ex.^a passou a viver refugiada numa casinha, no campo, com seu filho, depois do assalto que fizemos ao seu castelo. Seu marido, o sr. conde, não tornou a receber notícias algumas suas, mas tem recebido notícias nossas. O que nós procurávamos no castelo era um medalhão que tem uma pedra grande ao centro e que foi avaliado no dia do seu casamento em 15 mil contos. Como o não encontramos foi por isso que raptamos a menina Flora, mas não lhe fizemos mal algum, descanse. Está entregue a boas mãos. Se V. Ex.^a se dignar enviar-nos o dito medalhão, nós juramos, pela nossa palavra de cavalheiros, que lhe entregaremos a sua filha.

Um fiel servo de V. Ex.^a

P. S. — Pode entregá-lo ao remetente.

Toneca acabou de ler, olhou a mãe e, caindo-lhe nos braços, perguntou: — Mamã, esta carta é para ti?!

- Sim, balbuciou a pobre senhora.
- Tu és, então, viscondessa?
- Sim.
- Tenho uma irmã?
- Tens, sim, um amor que nos roubaram.
- Porque me ocultavas isto?

Filho, ainda és criança; tinha medo que eles soubessem que estávamos aqui e de novo nos assaltassem. Além disso sempre tive esperança de que a Virgem havia de salvar Flora.

Antônio endireitou-se e, olhando a mãe, disse: Julgavas-me criança? Vou provar-te que sou um homem. Que tencionas fazer?!

Eu— respondeu a viscondessa, soltando um suspiro—vou-lhes entregar o medalhão que a Virgem tem ao pescoço.

— Quê?! Pois é aquele o medalhão de tanto valor? E' aquilo que eles invejam?

— Sim, é aquilo, a pedra que ali vês tão grande e as que a rodeiam, são preciosas. O medalhão é em platina e tem por dentro os retratos dos teus antepassados; o último é o de teu pai, rodeado de pequenos diamantes.

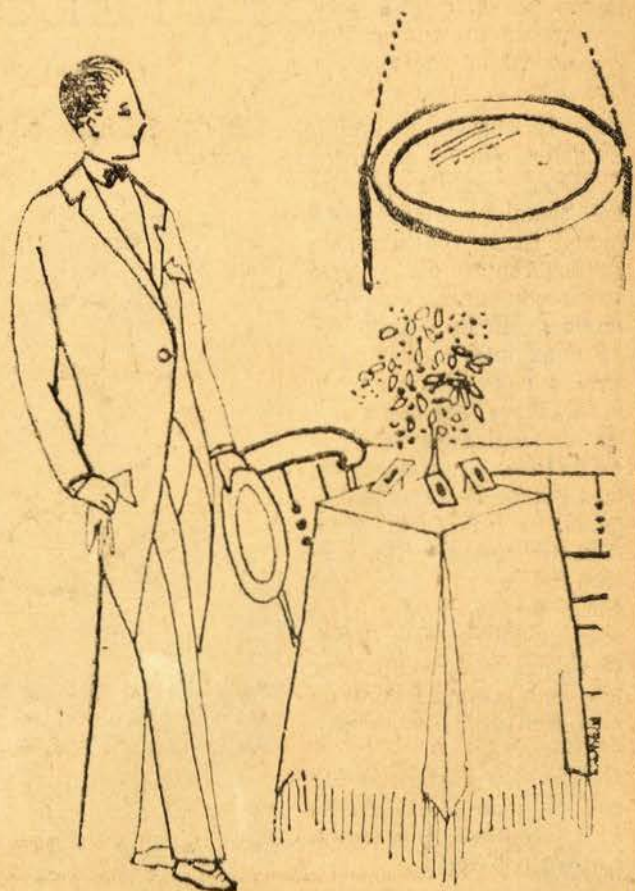
Mamã, mostra-m'o ao pé. Quero ver o papá, mas juro-te que havemos de ter a Florazinha sem darmos o medalhão da Nossa Senhora.

A viscondessa levantou-se, tirou o medalhão e entregou-o ao filho. Este, de olhos abertos, acariciava a joia.

— Como foi, mamã, que adquiriste esta preciosidade?

— Esta joia vem de geração em geração. Per-

(Continua na pagina 5)





O CASTELO DO ANÃO

(Continuação da página 1)

sabe se elas se não afeiçoariam a êle? Seriam as irmãzitas que êle sempre sonhara ter.

Desde então as três irmãs ficaram prisioneiras do anão. Eram rodeadas de deslumbrantes joias e vestuários custosos, mas não podiam sair do castelo. Se as duas mais velhas odiavam o anão, Maria Alzira, a mais moça, não podia deixar de sentir compaixão por aquela criatura disforme, mas dotada de tanta inteligência e sabedoria que causava pasmo! Ele narrara-lhe a sua vida, tam erma de afeitos, como pródiga em riquezas e Maria Alzira sentira despertar no seu coraçãozinho de ouro, uma terna piedade pelo desventurado.

Um dia êle prometeu-lhe que casando Maria Alzira com êle, daria liberdade a Elisena e Fúlvia.

Como o anão era horri-

velmente feio e tanto Fúlvia e Elisena invejavam a irmã pela sua angelical beleza, disseram que sim,

que se casasse, porque não queriam estar presas e ela tinha o dever de as libertar.

Maria Alzira casou e as irmãs foram para a côrte.

O velho marquez, pai delas, ao saber do casamento da filha, foi ao castelo na intenção de matar o anão, mas ao ouvi-la dizer que casara por livre vontade e que era feliz, teve de voltar à côrte, vencido e convencido.

Elisena e Fúlvia, que tam contentes tinham ficado por Maria Alzira ter casado com um pobre ser disforme, começaram a invejar-lhe a serena felicidade e o luxo que dava brado na côrte. Ambas tinham casado com jovens fidalgos, belos e esbeltos, mas, por desgraça, eram tam maus que muitas vezes as gentis marquezi-





nhas eram por êles espancadas. Um dia, em que se encontravam todas juntas, Maria Alzira expressou o pesar pelos infelizes casamentos que elas haviam feito.

— Nós seremos infelizes, mas ao menos não temos por marido um monstro como tu tens; respondei raivosamente Elizena.

— Pois não estou arrependida, voltou serenamente Maria Alzira. ; Antes fealdade no corpo e beleza na alma que beleza no corpo e alma de lama!

Mal proferira estas palavras, o reposteiro ergueu-se e um rapaz alto e esbelto, de rosto bellissimo, aureolado por anelada cabeleira, correu para Maria Alzira, abraçando-a carinhosamente.

— Sou eu, sim, João Janovitz, ; o teu horrível marido! É à tua alma de anjo que devo o meu des-

encanto. Fadado desde a infância, só uma menina bôa e bela, que casasse cmigo e proclamasse preferir-me feio e disforme a outro qualquer por mais belo que fosse, me podia desencantar. ; Minha santa Maria Alzira!

Ao verem João e Maria Alzira tam belos e felizes, Filvía e Elisena cuidaram morrer de raiva. Nunca mais quizeram ir a casa da irmã.

.....
João e sua esposa lá ficaram a viver, muito felizes, no castelo côr de rosa.

■ F I M ■

A CORAGEM DO TONECA

(Continuação da página 3)

tencia a teu pai e a ti, por morte dêle. Cada novo possuidor acrescentava-lhe um diamante e sobrepunha-lhe o seu retrato; é por isso que essa joia hoje vale tanto.

Abre-a, mamã, quero ver o retrato do papá. A viscondessa anuiu. Toneca examinou o retrato e soltou um pequeno gritinho: — Oh! mamã, esta cara vi eu esta manhã.

Olha, tenho fome, traze qualquer coisinha e vamos ao jardim que lá te contarei... preciso de ar. Vou explicar-te, querida mamã, o meu plano. E, pondo o medalhão no braço da Virgem, tapou-o com a capa. Olha, mamã, se êles sabem que estamos aqui, não o tenhas à vista. E, dizendo

isto, meteu a carta no bolso e dirigiu-se ao jardim. Uma borboleta esvoaçou. António começou a caçá-la. Quando a procurava, viu um homem oculto detrás dum arbusto. Fingiu não o ver e pôs-se a olhar, procurando a borboleta. O seu fim era ver se conseguia descobrir a cara do intruso. Mas a borboleta passou e, saindo do quintal, fugiu. Olhando maquinalmente para ela, António descobriu o cavalo preso à árvore. Reconheceu-o imediatamente; mas, se se enganasse? Se aquele estranho fôsse um dos salteadores? Ia a dirigir-se a casa quando viu um lenço. Apanhou-o. O lenço

(Continúa na página seguinte)

tinha num canto uma pequenina corôa e um G. António guardou-o e, resoluto, foi ter com o desconhecido.

— Camarada! disse êle, pondo-lhe a mão no ombro. Quem sois e o que quereis?

— Não me reconheces? perguntou Guilherme.

— Sem dúvida, respondeu António; sois o dono dêste lenço?! Guilherme olhou o lenço, admirado.

— Onde encontraste isso?

— Que vos importa? . . . Sois mais um desconhecido que ousa entrar aqui sem licença.

— Sinto a barriga vasia; estou em jejum; dizime o que quereis e dai-me de comer se tendes, disse Guilherme.

— Nós somos pobres, não temos nada. Este fato foi-me oferecido.

— Eu, respondeu o desconhecido, também nada tenho, meu rapaz. Vim aqui para te interrogar.

— Venha, (respondeu António) sente-se aqui, mas tendo o cuidado de o não levar para casa, pois estava resolvido a não se dar a conhecer com medo que fôsse um dos raptos de Flora.

Guilherme anuiu. Ouve cá, tu sabes o que se tem passado na cidade?

— Algumas coisas, só o que ouço de mais importância, quando lá levo as costuras que faz a minha mãe.

— Tua mãe é costureira? Porém, . . tu disseste-me que o teu pai estava longe. . .

— Sim, mas agora já vem a caminho, deve chegar heje à noite.

— Como se chama teu pai?

— Manuel, respondeu António sem hesitar, com medo de ser reconhecido.

— O que faz teu pai?

— E' embarcação.

— Como se chama tua mãe?

— Maria.

— Sabes o que se passou em Coimbra no Castelo dos Viscondes da Alegria?

— Sei por alto.

— Que foi feito da Viscondessa?

— Ignoro-o. . .

— Sabes quem eu sou?

— Já lh'o perguntei. . .

— Sou o visconde, sou Guilherme, marido da viscondessa Ana, pai de um pequeno como tu que

deixei internado num colégio e de uma menina mais nova do que, tu chamada Flora, Parti há 9 anos. Volto agora e não sei da minha família.

António viu rolar-lhe duas lágrimas pelas faces. Conveceu-se de que não era um intrução e então, levantando-se, disse:

— Menti-vos; a minha mãe é Ana. Eu estive num colégio donde me lembro de ter saído para aqui. Tenho uma irmã que nos foi roubada. Tenho um papá que é visconde.

Guilherme olhava-o desconfiado. Entretanto a Viscondessa aparecia à porta com um taboleiro.

— Esconda-se, papá, esconda-se! gritou António, como uma criança.

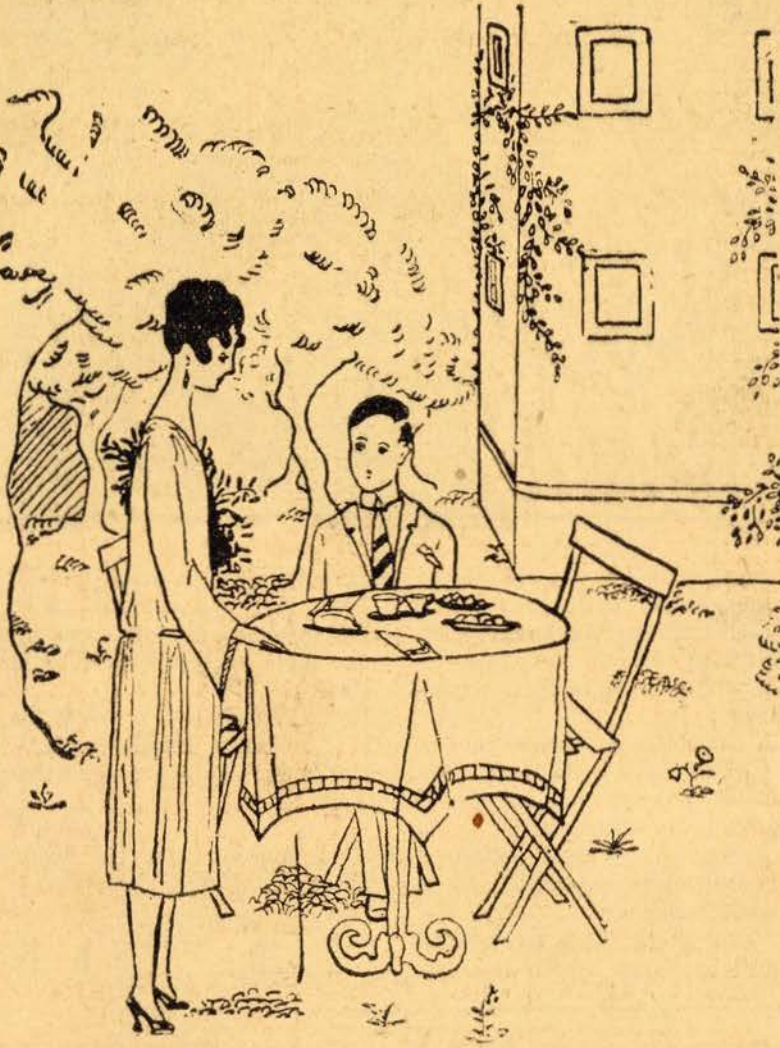
Guilherme obedeceu automaticamente, electrizado pela palavra papá. António foi ajudar a mãe a trazer para o jardim a refeição, mas pôs três lugares.

— Para que são três lugares? perguntou a mãe.

— Olha mamã, como te quero provar que sou um homem, finge que neste lugar está o papá ou a mana.

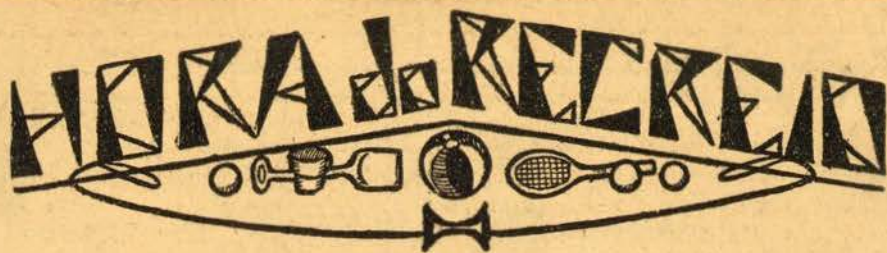
A Viscondessa abraçou o filho. Êste, entretanto, fazia sinal ao pai para que se contivesse.

Este lenço faz de conta que é êle, e pôs sobre a cadeira o lenço de Guilherme,

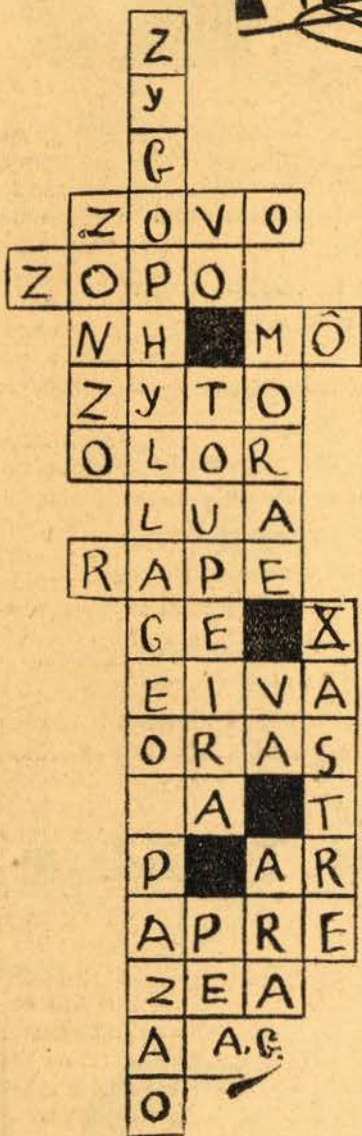


(Continua no proximo número)

HORA DO RECREIO

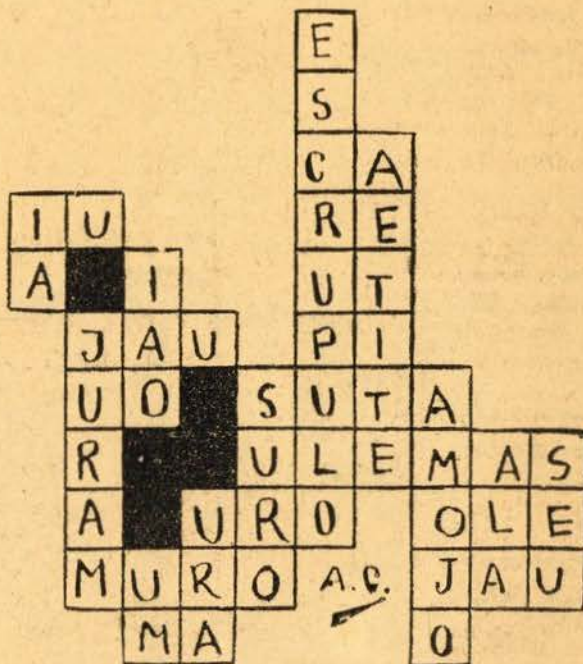


PALAVRAS CRUZADAS



Solução dos problemas

■ ■ anteriores ■ ■



ADIVINHAS

- 1.^a — Qual é a ilha portuguesa que é uma árvore frutífera?
- 2.^a — Qual é a ilha portuguesa que tem um nome que a muitos agoirenta?
- 3.^a — Qual é a ilha portuguesa que é semelhante a um jardim?
- 4.^a — Qual é o mar da Europa que é da cor da neve?
- 5.^a — Qual é o mar da Europa que é escuro como o carvão?
- 6.^a — Qual é o lago da Europa que está de sentinela?
- 7.^a — Qual é o mar da Ásia que é sinónimo de desespero?
- 8.^a — Qual é o mar da Ásia que serve de amparo?
- 9.^a — Qual é o mar da Ásia que é da cor do sangue?
- 10.^a — Qual é o mar da Ásia que é da cor do céu?
- 11.^a — Qual é o canal da Ásia que indica beleza?
- 12.^a — Quais são os montes da África que tem o nome de um marisco?
- 13.^a — Quais são os montes da África que tem o nome de um planeta?
- 14.^a — Qual é a serra africana que tem o nome de um animal feroz?
- 15.^a — Qual é o monte de África que é indispensável numa casa de jantar?
- 16.^a — Qual é o rio da América que tem o nome de um minério precioso?
- 17.^a — Qual é o país da América que tem o nome de um animal?
- 18.^a — Qual é o mar da Oceania que serve de ornamento às senhoras?
- 19.^a — Quais são as ilhas da Oceania que servem muitas vezes de lanche?
- 20.^a — Qual é a cidade da Austrália que tem o nome de uma mulher?

"QUIM" E AS ANDORINHAS

Por AUGUSTO
DE SANTA-RITA

Desenhos de
E. MALTA



MENINO Quim era um bebê que tinha
a mania
de caçar
toda a avezinha que via
em sua frente a voar!

Um dia,
ao ver uma andorinha
de papo branco e asas muito pretas,
riscando o céu,
cortando o ar,
foi buscar
a rêde de apanhar as borboletas
que lhe dera o avô;
correu para o jardim,
e tantas voltas deu
que, por fim,
a apanhou!

Mas, — caso singular,
ó que surpresa —
presa
a andorinha na rêde,
pôs-se a falar,
pôs-se a dizer assim:
— «Ai sêde,
sêde generoso, Quim;
soltai-me!

Dai-me
a liberdade! Vim
de tão longe, voei léguas e léguas,
sôbre os rios, o mar, vales e serras,
sem descanso, sem tréguas,
para vos anunciar a Primavera!

Preferi vossa Terra às outras terras,
entre tantas que vi
e assim pagais a minha preferência
vêde!

Ai sêde
hospitalar,

tende clemência;
soltai-me desta rêde!
permiti
que eu continue a voar
como até'qui!...».

Ouvindo-a, Quim que —(coitado)—
não sabia,
pois que ninguém lho dissera,
ser um terrível pecado
apanhar uma andorinha;
sentiu tão profunda mágua
que, de olhitos rasos de água,
numa aflitiva ansiedade,
tirou da rêde a avezinha
e... deu-lhe a liberdade!



■ FIM ■

